

Collor pede compreensão dos credores

Em discurso para cerca de 400 empresários, ontem, no Clube Naval de Brasília, o presidente Fernando Collor exigiu maior compreensão dos credores internacionais para o esforço empreendido pelo Governo brasileiro, no sentido de desregulamentar a economia do País. "É imprescindível que nossos parceiros internacionais compreendam a dimensão desses sacrifícios e o demonstrem com gestos e contrapartidas claras e concretas. Seria bem-vinda, por exemplo, a conciliação do discurso que adotam com práticas efetivamente liberalizantes na área do comércio, dos investimentos e da universalização do acesso à tecnologia", disse Collor.

O presidente Fernando Collor e o novo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, foram os convidados de honra do almoço que marcou os 75 anos de criação da Câmara de Comércio Americana do Brasil, que reúne 1,2 mil empresas, responsáveis por 20 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) e que exportaram, no ano passado, mais de 12 bilhões de dólares.

Foi o primeiro compromisso formal de Marcílio Marques Moreira como ministro da Economia. Diplomata de carreira, vivendo nos Estados Unidos desde 1986, Marques agiu como estivesse em casa. Mais do que ouvir o discurso do presidente Fer-

nando Collor, a platéia estava ali para expressar, mais uma vez, o apoio ao novo mandarim da economia. O presidente da Câmara de Comércio Americana do Brasil, Félix Bulhões, frisou que o nome de Marcílio Marques Moreira é uma garantia de que o Brasil trilhará o caminho da liberdade de mercado.

"Reafirmamos nossa crença na economia de mercado livre no empreendimento, pois sem liberalismo econômico não existe liberalismo político e, sem essa liberdade, o ser humano não consegue alcançar toda a extensão de sua criatividade que justifica a sua própria existência. O Brasil está ciente dessa verdade", afirmou Bulhões, acrescentando que as empresas associadas à Câmara de Comércio Americana representam 60 por cento dos investimentos estrangeiros no País.

Collor fez uma comparação entre o momento econômico atual e o caos em que o País estava imerso, quando assumiu o Governo. "Estávamos diante de uma situação de verdadeiro caos econômico: o déficit público ameaçava alcançar o patamar de nove por cento do PIB; o sistema financeiro premiava com alta rentabilidade a especulação desenfreada, desestimulando a produção; a produção industrial reduzia-se significativamente; os saldos da balança comercial eram da ordem de 500 milhões de dó-

lares mensais; as reservas do País situavam-se em torno de cinco bilhões de dólares e o Brasil estava em situação moratória externa".

O Presidente citou os pontos positivos da política econômica adotada pelo Governo. "O risco de hiperinflação foi afastado e o descontrolado social evitado; o déficit público transformou-se, em 1990, em superávit de 1,2 por cento do PIB; o País recuperou seus instrumentos de política monetária; a ciranda financeira foi abolida e parte das aplicações de curto prazo estão sendo direcionadas para o desenvolvimento econômico-social; os indicadores recentes indicam a volta do crescimento industrial; os saldos da balança comercial ultrapassam a cifra de um bilhão de dólares mensais e as reservas nacionais situam-se em oito bilhões de dólares".

Como bom diplomata e funcionário exemplar, Marcílio Marques Moreira não fez discurso para não roubar a cena do Presidente. Collor pediu que os empresários incrementassem seus investimentos e prometeu acelerar o processo de liberação e desregulamentação da economia brasileira. Mais do que palavras, a prova dessa aceleração estava ao seu lado: Marcílio Marques Moreira. O diplomata não precisava falar nada. Sua presença já dizia tudo.